



FÓRUM ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO
FEPEG
UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas e culturais • Debates • Minicursos e Palestras

REALIZAÇÃO:
Unimontes
Universidade Estadual de Minas Gerais

APOIO:
FAPEMIG

FADENOR

24 a 27
setembro
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

Comunidade Negra e Quilombola Brejo dos Crioulos: da “Tradição Inventada” à Identidade Ressignificada

Laura Aparecida Gomes Oliveira, Adriana Duarte Borges Aquino, Keila das Dores Alves, Jôse Augusta Barbosa dos Santos

Introdução

Assim como a literatura revela que a matriz do dissenso historiográfico se encontra diretamente relacionada à caracterização do sistema escravista em dois pólos extremos: ora representado, por uns, como violento e cruel, ora caracterizado, por outros, como brando e benevolente; percebe-se que as formas de se conceber e representar o negro na contemporaneidade ainda remontam representações amplamente antagônicas. A exemplo, o presente estudo objetiva apresentar os desafios do processo de autodefinição dos povos e comunidades tradicionais, tomando como exemplo uma Comunidade Negra e Quilombola situada no interior de Minas Gerais, denominada Brejo dos Crioulos. Percebe-se que da condição de ágrafos para autores da própria história, o negro desta coletividade reinventam sua tradição e constituem suas identidades a partir do convívio paradoxal com a sociedade local, onde a negativização dos remanescentes de quilombo pelo outro, o “não-quilombola”, ou seja, pelos sujeitos que ainda que se relacionem com tal comunidade, dela não fazem parte, apresenta-se como uma constante.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que segundo Gil [1] é desenvolvida com base em materiais já elaborados, sendo constituída, principalmente, por livros e artigos científicos. Sua principal vantagem reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Utilizou-se, ainda, o método qualitativo, cujo fundamento teórico permite o desvelamento de processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, a revisão e formulação de novos conceitos e categorias durante a investigação. Caracteriza-se pela empiria e sistematização progressiva de conhecimento até a compreensão da lógica interna do grupo ou do processo em estudo (MINAYO, [2]).

Resultados e Discussões

No que diz respeito especificamente à temática da escravidão, a historiografia brasileira aponta antagonismos quanto à trajetória do negro no Brasil, seja apresentando uma “acomodação” deste mesmo negro à condição cativa – e, isto, a partir de uma hipotética amenidade nas relações senhor/escravo, momento em que se via certa docilidade nestas mesmas relações, principalmente quando circunscritas ao interior da casa grande (FREYRE, [3], p.34) – seja ressaltando, por outro lado, uma história pautada, acima de tudo, pela *resistência* – a exemplo da ênfase na edificação, por parte do negro fugitivo, dos chamados quilombos (GUIMARÃES, [4], p.8).

O argumento da “acomodação”, melhor ilustrado por Gilberto Freyre ([3], p.11), não apontaria os antagonismos da sociedade escravocrata como motivadores de lutas e de violência, mas indicaria, em alguns momentos, certa harmonia em meio a tantos paradoxos, destacando aí as condições de confraternização e de mobilidade social, as quais teriam dado ao Brasil seu caráter amplamente miscigenado. Considerada uma sociedade híbrida, ou miscigenada, desde sua formação, o Brasil, de todos os cantos da América, seria, na visão freyriana, o lugar em que se teria constituído, e de forma mais harmônica, as relações raciais. Segundo este mesmo autor, como bem lembra José Carlos Reis, a miscigenação por si só “é um bem”.

Frente a tal posicionamento, Queiróz [5] apresenta alguns nomes que publicaram teses que divergem da posição estabelecida por Freyre, como é o caso, por exemplo, de Florestan Fernandes, Emília Viotti da Costa, Fernando Henrique Cardoso e Otávio Ianni. De acordo com seus argumentos, teríamos a escravidão como o eixo principal no processo de acumulação de capital pela via do mercado-lucro. Neste processo, a coerção e a repressão apareceriam como ferramentas de controle social do cativo. Aqui a violência apareceria como vínculo básico da relação escravista, em que, visto como mercadoria/objeto, o escravo chegava mesmo a ser coisificado subjetivamente. Era, no dizer de Fernando Henrique Cardoso, “sua autoconcepção como a negação da própria vontade de libertação; sua auto-representação como não-homem” (QUEIRÓZ, [5], p. 106).

É visto que no contexto da mestiçagem, o ser negro possui conotações diversas, que decorrem da possibilidade de escolha da identidade racial, que por sua vez, tem sua origem a ancestralidade africana, que resulta na nomeação de afro-descendente. Deste modo, ser negro diz de um pertencimento político cujo posicionamento avoca à identidade



FÓRUM

ENSINO · PESQUISA
EXTENSÃO · GESTÃO

FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras



24 a 27
setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

racial negra. Outrossim, a construção identitária decorre dos aspectos que surgem de nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. G.H. Mead, C.H. Cooley e interacionistas simbólicos são, segundo Stuart Hall [6], referências no campo da sociologia que classificam a formação da identidade através da “interação” entre o eu e a sociedade, ou seja, o sujeito possui um núcleo ou essência interior denominado “eu real”, que é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior, entre o mundo pessoal e o mundo público”. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade então, costura o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (STUART HALL, [6], 102 p.).

De modo geral, no caso específico da classificação de uma comunidade como quilombola, esta não se fundamenta estritamente em demonstrações de um passado de rebelião e isolamento, mas dependeria, sobretudo, de uma definição feita pelos próprios indivíduos em relação ao meio em que vivem. “A legislação brasileira já adota este conceito de comunidade quilombola e reconhece que a determinação da condição quilombola advém da auto-identificação” (SÁ; AMARAL, [7], p.3). Levando-se, pois, em consideração os modos de construção de identidade e perpetuação da tradição, por parte de sujeitos remanescentes de quilombos, poderíamos apontar, como exemplo – e privilegiando uma entidade situada ao norte do estado de Minas Gerais - MG, a Comunidade Quilombola Brejo dos Crioulos, uma comunidade negra rural, reconhecida desde 2003 como remanescente de quilombos. Semelhante comunidade apresenta cerca de 3.140 moradores, os quais se dividem em 460 famílias, todas agrupadas em 08 grupos locais: Araruba, Arapuim, Cabaceiros, Caxambu, Conrado, Furado Seco, Furado Modesto e Serra D’Água. Situa-se nas divisas dos municípios de São João da Ponte, Varzelândia e Verdelandia, entre fazendas grandes e pequenas (COSTA, [8], p.4).

O município de São João da Ponte, fundou-se como tal a partir de articulação entre as comunidades brancas das chapadas da micro-região de sua localização e as comunidades negras do vale do rio Verde Grande. As relações entre negros e brancos eram pautadas no respeito mútuo e na defesa de interesses comuns. Entretanto, em meados de 1960, um dos descendentes de Simão Campos visando tornar-se deputado estadual rompeu com a aliança que unia brancos e negros no município, lançando mão da venda forçada das terras, expulsando centenas de famílias do território. A Comunidade Brejo dos Crioulos teve dezessete famílias, das trinta e seis que existiam, expulsas da região. Tal ato foi visivelmente sentido pelas forças políticas, diante da ausência de votos dos remanescentes do quilombo. A reação inicial do dirigente político foi impor pela força os seus desmandos, mas diante da posição firme assumida pela totalidade da população dos crioulos desenvolveu outro tipo de ação. Esta, pautada prioritariamente na exclusão a qualquer benefício por parte da administração municipal, iniciou um reconhecido processo de discriminação dos seus moradores (COSTA, [8]).

Diante do posicionamento dos remanescentes do quilombo, poderíamos nos reportar às estratégias de reconversão propostas por Bourdieu [9], que manifestam deslocamentos no espaço social, tendo por finalidade a manutenção da posição ocupada na estrutura social, assim como das propriedades associadas a essa posição. São estratégias esboçadas para evitar a desvalorização social. Conforme Bourdieu [9], as estratégias de reconversão podem ser individuais - orientar-se para regiões pouco burocratizadas do espaço social - ou coletivas; como representadas pela coletividade em questão, ao tentarem impor um lugar distinto do que lhes foi imposto.

Ainda que os remanescentes de quilombo tentassem responder aos desmandos sofridos, a eficácia de tal ação foi tamanha que deu gênese à estigmatização dos moradores dessa comunidade no interior de uma sociedade em que a maioria, cerca de 74% no censo de 1970 se declara de cor. Desde então, os crioulos passaram a ser evitados pela população urbana local, além de serem categorizados como “bandidos” “não-domesticados” ou “brutos”. Mais grave que a postura da população local, foi o que João Batista de Almeida Costa [8] caracterizou como consequência da posição política adotada pelos crioulos frente aos desmandos do coronel pontense, em que estes internalizaram a negatização da cor. Ao assumirem tal negatização, procuraram pelo discurso mais que pela prática, embranquecer seus descendentes, além de abandonarem, aos poucos, elementos singulares da própria cultura.

Contudo, com o processo de visibilização nacional da Comunidade Brejo dos Crioulos como Quilombo, as administrações municipais de São João da Ponte e de Varzelândia, diante da exclusão, discriminação e estigmatização da comunidade passaram a desenvolver ações que investissem na melhoria da qualidade de vida dos moradores, ofertando abastecimento de água, melhoria dos prédios escolares, serviço de transporte coletivo, telefonia, dentre outras coisas. Simultaneamente, a administração dos dois municípios passou a enviar um grupo de dançadores de batuque como representação da cultura local à eventos diversos, local e nacionalmente. Costa [8] observa que com essa



FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras



24 a 27
setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

essencialização da cultura dos crioulos emerge a iconicidade do grupo como tradição pontense e varzelandense, inventando, dessa forma, uma tradição local na perspectiva desenvolvida por Hobsbawm e Ranger [10]

Em “*A Invenção das Tradições*”, Eric Hobsbawm e Terence Ranger esclarecem que a própria emergência de movimentos que endossam a restauração das tradições, sejam eles “tradicionalistas” ou não, já indicam a ruptura da mesma. Tais movimentos, corriqueiros entre os intelectuais desde a época romântica, não possuem capacidade de desenvolver, e tampouco de preservar um passado vivo (a menos que crie refúgios naturais humanos para aspectos isolados na vida arcaica); estão destinados a se transformarem em “tradições inventadas”.

Teríamos, então, elementos que coadunam com as proposições de Hobsbawm, ao propor o conceito de “tradição inventada”. Por tal conceito, compreende-se o conjunto de práticas, normalmente governadas por regras tácitas ou abertamente aceitas. Tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, objetivam inculcar determinados valores e padrões de comportamento através da repetição, o que corrobora, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. O passado histórico no qual a nova tradição é inserida não precisa ser remoto, entretanto, ao passo em que se estabelece referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Passam a representar, portanto, reações a ocorrências novas que ou admitem a forma de referência a situações anteriores, ou instituem seu próprio passado através da repetição quase que imperiosa (HOBSBAWM; RANGER, [10]).

Cabe pontuar que a força e a adaptabilidade das tradições genuínas não deve ser confundida com a “invenção de tradições”. Isto porque, não se faz necessário recobrar nem inventar tradições quando os velhos costumes ainda se aplicam e/ou se conservam. “Ainda assim, pode ser que muitas vezes se inventem tradições não porque os velhos costumes não estejam mais disponíveis ou, tampouco, que sejam inviáveis, mas porque eles deliberadamente não são usados, nem adaptados” (HOBSBAWM; RANGER, [10], p.16).

Conclusão

A negativização do negro consequenciou um atraso substancial à conquista de direitos enquanto cidadãos. Corroborando na consolidação de uma identidade marcada por representações conflitantes e a necessidade de ressignificar seus hábitos, práticas e costumes, como modo de inserir-se no espaço social, ainda que em meio à mudanças e deslocamentos. A invenção das tradições, neste contexto, seriam justificadas não porque os antigos costumes não estejam mais disponíveis ou, tampouco, que sejam inviáveis, mas porque eles deliberadamente não são utilizados, nem adaptados.

Referências

- [1] GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- [2] MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 9.ed. São Paulo: Hucitec, 2006, 406 p.
- [3] FREYRE, Gilberto. Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 28ª ed. São Paulo: Record, 1992. Disponível em: http://www.ufirgs.br/proin/versao_1/casa/index01.html Acesso em: 13/07/2014
- [4] GUIMARÃES, Carlos Magno. “Quilombos do Século do Ouro”. Revista do Departamento de História. Belo Horizonte. V. 6, p. 15-46, junho de 1988.
- [5] QUEIROZ, Suely Robles de. Escravidão Negra em Debate. In: Historiografia Brasileira em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2000, pp. 103-117.
- [6] HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, 102 p. Disponível em: http://www.cedefes.org.br/index.php?p=colunistas_detalle&id_pro=2. Acesso em: 13/07/2014
- [7] SÁ, Caroline Silveira; AMARAL, Sérgio Tibiriçá. Comunidades Quilombolas no Brasil. EIC - Encontro de Iniciação Científica. Vol. 3, 2007.
- [8] COSTA, João Batista de Almeida. Brejo dos Crioulos: A caminhada resgatando sua história e territorialidade. GT RTQ-MG, 2008. <Disponível em: <http://quilombos.wordpress.com/2008/01/07/brejo-dos-crioulos-a-caminhada-resgatando-sua-historia-e-territorialidade/>> Acesso em: 13/07/2014
- [9] BOURDIEU, Pierre. Pensamento Contemporâneo: Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/206757956/BOURDIEU-Pierre-Entrevista> Acesso em: 13/07/2014
- [10] HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence (orgs.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.